

## **DESCARTES E HUME: UMA INTRODUÇÃO A TEORIA DO CONHECIMENTO NA MODERNIDADE**

JANAINA PAIVA ZANETTI<sup>1</sup>; KEBERSON BRESOLIN<sup>2</sup>

<sup>1</sup>UFPel 1 – janainazanetti@hotmail.com 1

<sup>2</sup>UFPel – keberson.bresolin@gmail.com 2

### **1. INTRODUÇÃO**

Este trabalho traz o tema sobre teoria do conhecimento na modernidade, no qual será apresentado algumas ideias sobre o racionalismo a partir do Pensamento de René Descartes em sua obra *Discurso do método*, em seguida apresentar também alguns aspectos do empirismo a partir do pensamento de David Hume em sua obra *O tratado da natureza humana*, após demonstrar o racionalismo (dogmatismo) e o empirismo (ceticismo) acentuando nas diferenças de cada sistema estudado, lançamos o problema a ser pensado, a saber: quais as fontes primeiras do conhecimento? Nossos objetivos são apresentar o dogmatismo oriundo do racionalismo a partir da filosofia de René Descartes, e; apresentar o ceticismo oriundo do empirismo a partir do pensamento de David Hume. Em seguida retornamos ao problema com subsídios que permitirão “maior” reflexão acerca do tema.

### **2. METODOLOGIA**

A proposta metodológica deste trabalho é de uma pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico, que pretende oferecer algumas bases teóricas sobre teorias do conhecimento na modernidade, em especial a o racionalismo e dogmatismo em René Descartes e o empirismo e ceticismo em David Hume, para posteriormente, refletir sobre o problema (quais as fontes primeiras do conhecimento?).

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Esta pesquisa visa primeiramente, explicar alguns conceitos sobre o estudo do conhecimento na filosofia moderna, assim como o conceito de dogmatismo (a partir do racionalismo de Descartes) e o conceito de ceticismo (a partir do empirismo de David Hume), para logo em seguida investigarmos os sistemas filosóficos dos respectivos autores, a fim de pensar quais as fontes primeiras do conhecimento.

Ademais, diante das discussões atuais acerca de questões polêmicas em epistemologia, como o problema da justificação no conhecimento (concebido como: crença verdadeira e justificada), assim como o problema de Gettier, o fundacionismo (problema da crença básica), o coerentismo (problema do círculo vicioso ou virtuoso), e etc., notemos que o tema aqui presente é um estudo preliminar sobre as questões da atualidade e além disso é também de certa forma, a origem de tais questões atuais, pois, não temos dúvidas de que, as tomadas de posição acerca das teorias epistêmicas contemporâneas estão “impregnadas” de resquícios do pensamento moderno, disso se segue a importância e relevância de

estudar as fontes primeiras do conhecimento a partir da modernidade, em especial em Descartes e Hume, pois a partir deste trabalho desenvolveremos competências para pensar a relação entre sujeito e o objeto (como conhecemos o mundo) a partir das perspectivas suscitadas pelos autores aqui estudado.

Descartes fundamenta o conhecimento a partir de um estudo de si mesmo: subjetivismo (internalismo). Enfatiza a necessidade de um método seguro para prosseguir, pois os homens têm as mesmas capacidades, apenas diferem-se em seus métodos.

A dúvida em Descartes é chave principal em seu sistema, ela não é cética, é metódica ele põe em dúvida tudo o que o cerca, tudo que seja proveniente de seus sentidos, até chegar a primeira verdade indubitável que é seu pensamento, este é uma evidência clara e distinta, que prova sua existência é a certeza mais simples que se pode ter, a partir desta se chega a outras certezas, de que existe seu corpo e os outros corpos. Assim, Descartes chega a sua frase célebre: “Penso logo existo” (DESCARTES, 2006, pg. 31).

Para Descartes todos os homens tem as mesmas capacidades na obtenção do conhecimento, porém, o que os diferenciam é o método (cada um tem um), por isso Descartes acredita que é possível um método único entre os homens, em seu discurso, destaca os quatro procedimentos do método do qual ele propõe: (1) verificar, ele não aceita um triângulo redondo (evidenciar); (2) analisar, dividir em quantas partes forem necessárias e possíveis; (3) sintetizar, afim de simplificar, e; (4) enumerar, tudo que possível.

A evidência é inata, nos é dada como as ideias de infinito, ideia de Deus, pois este nos colocou o conhecimento ao criar a nossa natureza. A intuição consiste em apreender as evidências, chegando ao conhecimento sem precisar de um conceito. A dedução consiste em desenvolver as verdades princípios em verdades conclusão.

O modo de pensar o conhecimento em Descartes nos remete ao mecanicismo, ou seja, pensar o corpo como uma maquina “Não se deve confundir as palavras com os movimentos naturais que testemunham as paixões e podem ser imitados pelas máquinas e também pelos animais. Nem se deve pensar, como alguns antigos, que os animais falam, embora não consigamos entender sua linguagem. Se fosse verdade, visto que possuem muitos órgãos que correspondem aos nossos, poderiam fazer-se compreender tanto por nós como por seus semelhantes” (Descartes, 2006, pg.47)

A filosofia cartesiana esbarra no problema do “dualismo cartesiano”, que é o fato de o autor dividir as substâncias (*res cogitans* = consciência, e; *res extensa* = material), ou seja, dividir o pensamento do corpo, e dizer que estas substâncias estão totalmente separadas, ele não explica como a razão interage com o corpo. O autor participou de dissecações de crânios e desenvolveu a teoria de que a interação das duas substâncias se dava pela glândula pineal, esta seria a responsável por abrigar a alma e assim fazer a interação entre ambas substâncias. Em suma, em Descartes conhecemos a verdade, desde a verdade mais simples (que penso e isso prova que existo), as verdades mais complexas (como conhecer as coisas corpóreas e etc.)

Já o empirismo, concebe que todas nossas ideias são provenientes das experiências, e em última instância, de nossas percepções sensoriais (visão, audição, tato, olfato e paladar), assim chegamos ao ceticismo que duvida ou nega

a possibilidade de conhecermos a verdade. Em Hume todo o conhecimento se dá através das percepções, destas derivam as impressões (são percepções provenientes dos sentidos) e as ideias (toda ideia precede de uma impressão; não há ideias inatas.). As impressões (volitivas ou de entendimento) são vividas e intensas. Há dois tipos de impressões: de sensação internas (sentimentos) e sensações externas (sentidos).

As ideias são percepções mais fracas, menos vividas, são cópias das impressões, as ideias podem ser simples e/ou complexas, no caso das ideias simples utilizamos a nossa faculdade da memória, por exemplo: temos a ideia de cavalo, e; ideia de assas. No caso das ideias complexas operamos com a faculdade da imaginação (esta não cria, apenas conecta coisas, ela é associativa), ou seja, faz conexão entre as ideias simples assim como, as de cavalo e as de assas formulando uma ideia complexa de cavalo-alado. Em seu sistema Hume nos oferece três modos de conexões de ideias: (1) Semelhança; (2) Contiguidade, e; (3) Causa e efeito. Em suma, para Hume há apenas dois tipos de conhecimentos: (1) relação entre ideias (como vimos acima), pois não existem ideias inatas, todas derivam das percepções, e; (2) conhecimento de fato (que procedem dos sentidos).

Hume explica que tudo que criamos parece ter uma conexão necessária, mas na verdade não há tal conexão na natureza, isso acontece pelo hábito, crença e probabilidade.

Hume divide todas as percepções em duas classes que se diferenciam pelos seus graus de força e de vivacidade, sendo as menos fortes e menos vivas chamadas de ideias ou pensamentos. A outra classe Hume destaca que vai chamá-la de impressões (com um sentido diferenciado ao usual) estas são todas as percepções mais vivas e mais fortes.

Para Hume o pensamento humano pode parecer ilimitado e que nem sempre reprimisse dentro dos limites da natureza e da realidade, por ser capaz de criar monstros, juntar formas e aparências, pois a imaginação da conta de tais operações, nosso pensamento pode nos transportar-nos para regiões muito longe dentro de nosso universo e até para fora dele. O autor destaca que não há o que o pensamento não possa alcançar, exceto o que implica absoluta contradição “Entretanto, embora nosso pensamento pareça possuir esta liberdade ilimitada, verificaremos, através de um exame mais minucioso, que êle este realmente confinado dentro de limites muito reduzidos, e que todo poder criador do espírito não ultrapassa a faculdade de combinar, de traspor, de aumentar ou de diminuir os materiais que nos foram fornecidos pelos sentidos e pela experiência.” (HUME, 1989, pag. 17)

Segundo Hume quando pensamos, apenas unimos ideias compatíveis – em suma – quer-se dizer com isso, que os materiais de nosso pensamento são obtidos de nossas sensações externas ou internas, desse modo, Hume se expressa em linguagem filosófica dizendo “todas as nossas ideias ou percepções mais fracas são cópias de nossas impressões ou percepções mais vivas.” (HUME, 1989, pag. 17).

Cabe ressaltar que em seguida, na história da filosofia moderna, tais sistemas (racionalismo e empirismo) foram combatidos pelo criticismo oriundo do apriorismo de Immanuel Kant, que de certa forma sintetiza o racionalismo e empirismo em uma definição sistemática chamada apriorismo, mas para aprofundar este estudo seria necessário outro ensaio.

#### 4. CONCLUSÕES

Até aqui percebemos o quanto o empirismo de Hume foi não apenas antagônico, mas também, nefasto ao racionalismo, sobretudo ao sistema de Descartes, cujo, o princípio de todo conhecimento era algo que não derivava dos sentidos/experiência, ou seja, tal princípio era seu próprio pensamento, isso garantiria a prova de sua existência, independentemente de seu corpo (seus sentidos) e assim, explicava o seu método para o conhecimento cujo uma certa razão pura (coisa pensante) dava origem as ideias (que segundo Descartes eram inatas). Com Hume temos o contrário, pois há uma natureza humana, sobretudo empírica que dá origem as ideias, disso se segue uma maior atribuição de sentidos e de significados da sensibilidade em geral, para com o conhecimento jamais vista antes na História da Filosofia. Ainda hoje é muito complicado definir qual a fonte primeira de nosso conhecimento, no entanto, estudar a filosofia moderna pode nos ajudar não só com os conteúdos que nos são exigidos pelas escolas, mas sobretudo pode auxiliar a entendermos melhor a nós mesmos, pois parece que posteriormente a tais estudos nos tornamos menos ingênuos e assim estamos mais próximos de desenvolver um pensamento crítico, não apenas no âmbito da epistemologia, mas em todas as dimensões de nossa existência.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

##### Livro

HUME, D. **Investigações acerca do entendimento humano**. São Paulo: Nova Cultural, 1989.

COTRIM, G. **Fundamentos de Filosofia** – Volume único (Ensino médio) / Gilberto Cotrim, Mirna Fernandes. – 1. Ed. – São Paulo: Saraiva, 2010.

DESCARTES, R. **Discurso do Método**. São Paulo: Escala Educacional, 2006.